

Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias e tribos urbanas no contexto escolar

Os anos de trabalho com a organização curricular e gestão operacional, o cotidiano das salas de aula no ensino superior na Fundação Universidade do Tocantins – Unitins e no Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp/Ulbra possibilitaram escutas, falas, diálogos, e até mesmo conflitos-confrontos, com parte de um coletivo de professores habilitados para atuar nas licenciaturas e agregou-nos uma certeza: o ato de aprender é pensado como movimento que se realiza em um fluxo sujeito-objeto, no qual a incorporação do último garante a transformação do primeiro.

Embora termos e expressões de moda estejam presentes nos projetos pedagógicos dos cursos de pedagogia, normal superior, letras, matemática, geografia e história do Programa de Licenciaturas Parceladas (Convênio Nº 118 UNITINS/SEDUC, Convênio UNITINS/SEMEC; Projeto Alvorada UNITINS/SEDUC), como “professor reflexivo”, “professor dialógico”, “aluno construtor de seu conhecimento”, um currículo oculto se faz presente na aplicação dos cursos, e que por sua vez encontra solo propício junto aos 4.000 professores leigos em exercício nas unidades escolares do Estado do Tocantins.

Um desses limites subjaz na relação da escola com as tecnologias contemporâneas, temática explorada por vários pesquisadores, dentre eles: Kenski (2004); Pretto (1999); Bonilla (2005). Nessa relação agregamos nossa preocupação com o aluno jovem. Geralmente educadores em sua cotidianidade docente mencionam o aluno como um bloco único, olvidando de especificidades de gênero, etários, culturais, sócio-culturais, ou seja, tudo aquilo que o subcampo das relações públicas nos alerta para levar em consideração ao se tratar com o indivíduo e seus distintos agrupamentos e associações.

Percebemos que a sociedade contemporânea está marcada pela produção de inovações (científicas, cognitiva, tecnológicas) e pelo processo incessante de circulação da informação. E os alunos passaram a viver sob a cultura da inovação, absorvendo com velocidade tudo que ocorre. Porém, em inúmeros casos, a escola e os professores ainda parecem viver sob o signo de uma outra velocidade, extremamente morosa e conservadora. Nesse contexto, o artigo apresenta resultados de uma pesquisa intitulada “Corpos híbridos em mentes diáfanas: as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas inter (ações)

com as tecnologias da informação e da comunicação”, realizada nos anos de 2006 e 2007, que buscou analisar as interfaces – entendidas como processo de inter (ação) – da tecnologia e tribos urbanas na contemporaneidade escolar, tanto para descortinar determinadas concepções errôneas sobre as juventudes nos cenários da escola, como para sinalizar outras possibilidades de se pensar-agir com intervenções pedagógicas por parte dos docentes, mais compartilhadas e verdadeiramente respeitosas das novas configurações culturais.

Primeiros deslocamentos

Em nossos primeiros caminhos teóricos, aliamos contribuições de autores da educação, da antropologia, da sociologia, da filosofia, da comunicação e da administração. Nesse deslocamento teórico-metodológico, logramos construir com menos tensões a tela da pesquisa a partir da realidade empírica, com rigor e comprometimento. Dessa maneira, assumimos como um primeiro deslocamento que as juventudes não são uma mente-caixa vazia ou tabula rasa. Os corpos e as mentes juvenis, com suas expressões e manifestações no espaço educacional, se dão mediante o cruzamento da cultura escolar oficial e o popular-urbano contemporâneo, seja este último presente nos nichos familiar-comunitário, no coletivo dos bairros e em todas as associações esporádicas ou não que os jovens estabelecem na cidade.

O cultural escolar se presumiu como um gênero de conteúdos puros e hegemônicos. No entanto, o popular-urbano não é um gênero impuro, pois ele é a resistência ao hegemônico oficial. É uma manifestação crítica de contraposição à ordem urbana globalizada, à crença nas instituições políticas e o desencanto utópico (CANCLINI, 1997). A cultura formativa escolar oficial maneja-se na seleção e oferta de conteúdos, determinados pelos grupos hegemônicos no poder da sociedade e outros formatos paralelos, mediados pelas tecnologias de informação e comunicação – TIC possibilitam interações coletivas, em função da subordinação da chamada cultura urbana às tecnologias eletrônicas. A juventude possui corpos híbridos em mentes diáfanas pelo fato das contínuas tentativas de intromissão de produtos culturais e de consumo exacerbado pelo capitalismo contemporâneo, podendo ela ser assumida como fluída, líquida (BAUMAN, 2001), em suma, diáfana.

Refletir e investigar as tribos urbanas e suas (inter) ações com as TIC foi buscar mais sinalizações para que as práticas formativas contribuam para novas práticas sociais, isto é, na dinamização de outros processos sociais importantes para a conquista de uma vida pública da juventude e com isso, buscando-se a construção de uma sociedade mais inclusiva.

As TIC são confluências de vários dispositivos eletrônicos de armazenamento, tratamento e difusão de informação. Segundo Kenski (2003, p. 26) “tornam-se midiáticas, após a união da informática com as telecomunicações e o audiovisual”. Entretanto, no espaço escolar do ensino médio tocantinense, isso não parece estar sendo considerado em relação à juventude. De um lado, desenhos curriculares continuam a oferecer conteúdos e um jeito de ser aluno em descompasso com a contemporaneidade e ao mesmo tempo assumindo-se apenas o lado deslumbrado das tecnologias como fontes miraculosas do saber para a inserção no mercado profissional. Por outro lado, conteúdos extracurriculares à instituição escolar, de forma midiaticizada, oferecem outras possibilidades de agir e estar no mundo. Em meio a esse combate, as juventudes vão se manejando híbrida e diafanamente.

O contexto dos deslocamentos

O Estado do Tocantins, por meio dos planos, programas e projetos da Secretaria da Educação e da Cultura, assumiu de forma explícita e intencional um *modus operandi*, que possui uma lógica político-ideológica para lidar com a juventude. Esse *modus operandi* contemporâneo alia-se a uma herança de políticas educacionais e sanitárias do início do século XX, focalizadas sobre o menor assistido, almejando apenas sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho, e na atualidade, ao mundo dito globalizado.

Mas entre os textos e programas oficiais e a realidade tocantinense acabam existindo fossos, que se não detectados em detalhes e compreendidos processualmente, corre-se o risco das políticas públicas educacionais repetirem os mesmos esquemas funcionalistas e tutoriais do passado. Desde o ano de 1989, período de sua criação e implantação, deslocamentos foram acontecendo no Estado do Tocantins, isto é, de uma região empobrecida do ex-norte goiano o cenário regional passou a inserir-se nas rotas de implantação de políticas neoliberais e da intervenção direta da iniciativa privada no espaço público estatal.

No anseio de responder às demandas nacionais e internacionais, a educação viu-se pensada e praticada apenas para a questão da escolaridade traduzida em conhecimentos e saberes específicos para o exercício de uma determinada profissão. Currículos quiseram deixar de ser grades, termo que evidencia prisão, mas com o passar dos tempos adquiriram o termo estrutura, com todo um ordenamento hierárquico. Contudo, não se levou em consideração os atores sociais envolvidos no processo educacional-escolar – professores, alunos, comunidade escolar e envolvente – e num caso muito especial, setores da própria juventude acabaram não sendo percebidos nesse processo.

Levantando hipóteses e estabelecendo problemas

No contato com grupos de jovens, de aproximadamente 16 aos 24 anos, de uma unidade escolar de ensino médio Centro de Ensino Médio – CEM, de Palmas, e dos espaços universitários da Fundação Universidade do Tocantins e do Centro Universitário Luterano de Palmas, no que tange ao uso e consumo de bens simbólicos mediados pelas TIC (em especial, aqueles difundidos pela mídia radiofônica, publicitária e televisiva) teve-se a impressão de que a oferta de uma imagem-identidade de juventudes é determinantemente produzida pelo currículo escolar do ensino médio. E que o uso-consumo dos bens simbólicos mediados pelas TIC apresenta outros projetos formativos.

Reconhecemos que histórica e socialmente a juventude tem sido considerada como fase de vida marcada por certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda. Os estudos de viés psicológico tendem a privilegiar os aspectos negativos da adolescência, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. Os estudos sociológicos ora investem nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentuam a dimensão negativa dos “problemas sociais” e do desvio.

Para Pais (1993) a juventude é uma categoria socialmente construída no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas, uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo. A juventude deve ser tomada como um conjunto social diversificado, perfilando-se diferentes tipos em função da sua situação econômica, seus interesses e oportunidades ocupacionais e educacionais. Podemos dividir os autores que se dedicaram ao tema da juventude em dois grandes blocos: o primeiro compreende os

trabalhos que consideram a juventude como um conjunto social derivado de uma determinada fase de vida, com ênfase nos aspectos geracionais; para outros a temática estaria subsumida no interior de outras dimensões da vida social, definidos a partir de universos mais amplos e diversificados, sobretudo aqueles derivados das diferentes situações de classe.

Para Morin (1984), a juventude existiria como um grupo de idade identificado aos modelos culturais das sociedades de massas. Chamboredon (1985) diz que a juventude enquanto categoria estaria dissolvida em uma inerente diversidade recoberta pelas múltiplas classes sociais. Dubet (1996) observa que, para se estabelecer um tratamento analítico sobre a noção de juventude é preciso, preliminarmente, reconhecer, que a moderna condição do jovem encerra uma tensão intrínseca. Para esse autor, a experiência desse momento de vida é construída em torno da formação moderna de um mundo juvenil relativamente autônomo e, ao mesmo tempo, como momento de distribuição dos indivíduos na estrutura social. Para Atias-Donfut (1996) a realidade efervescente e essencialmente mutante dos jovens não poderia ser reduzida a uma dimensão unidirecional. Ela não será enfrentada a não ser que se conjuguem várias perspectivas para revelar suas diversas facetas e levar em conta sua complexidade.

No Centro de Ensino Médio de Palmas - CEM encontramos os grupos de jovens se autodenominando de tribos. Tribos referem-se a grupos de pessoas que se identificam por motivos diversos e acabam assumindo algumas características que os tornam fáceis de serem identificados e caracterizados, como roupas, acessórios, gosto musical, entre outros. Conforme Hall (1997), “a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente nas sociedades ocidentais à cultura nacional” (p.49). Mas na atualidade, a lealdade tribal pode estar sendo canalizada para as tribos urbanas, sendo esta última uma metáfora embrionária de novas sociabilidades. Criam essa identificação e lealdade pelos gostos estéticos, pelas atitudes, pela forma de se enquadrar nesse cotidiano estetizado.

No cenário palmense a presença de diversas tribos no espaço escolar faz com que o tema “juventude” adquira visibilidade e conseqüentemente suscite questões, principalmente ao que se refere ao comportamento juvenil. A partir dos comportamentos sócio-culturais que estão em disputa e sendo ofertados, eles tendem a se agruparem em busca de

autonomia. Assim, eles vão vivenciando novos espaços, provisórios, nômades e transitórios. Para Maffesoli, (2003) presenciamos um movimento típico da pós-modernidade, um novo tipo de tribalismo, por ele nomeado de neotribalismo, que foge das concepções clássicas, que tinha a estabilidade como processo fundante. Agora, há uma busca pelo pertencimento, que é um dos traços característicos do neotribalismo – fenômeno ligado aos modos de vida e às subjetividades dos jovens urbanos na contemporaneidade. Conseqüência de estar em um mundo predominado pela moda, pelo consumo, pelo espetáculo e pela comunicação, em ambientes cada vez mais mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Assumimos que tipologias distintas de jovens vão se manejando no cenário escolar, convivendo com as ofertas das políticas educacionais e formativas que se presumem serem hegemônicas e, enquanto receptores vão negociando mais sentidos e significados de mundo e vida. Isto sendo formulou-se um problema: como as tribos urbanas, existentes no universo escolar, interagem com as tecnologias da informação e da comunicação para se caracterizarem/identificarem e o que elas vêm propondo para as mudanças das práticas escolares formativas e como a escola vem percebendo essa movimentação?

Objetivo e questões norteadoras

Estabelecemos como objetivo de pesquisa compreender as tribos urbanas, existentes no universo escolar, na contemporaneidade, como conjuntos sociais diversificados e suas (inter)ações com as TIC. A pesquisa caminhou pelas seguintes questões norteadoras: a) as tribos urbanas, cada vez mais inseridas nos espaços escolares, se apropriam de elementos estéticos, linguagem, estilo de vida e formas de apreender o mundo a partir das TIC; b) no universo escolar se verifica um distanciamento do pensar-refletir as diversas formas de apreensão do mundo pelas tribos urbanas a partir das TIC; c) novos formatos formativos estão entrando no universo escolar, a partir das tribos urbanas, regidos por negociações midiáticas e alavancados pelas TIC.

Estilos de vida, possibilidades de outros comportamentos, representações estéticas, usos e manejos das TIC entre conflitos e confrontos curriculares são possibilidades abertas para investigar as juventudes, a partir das tribos que se encontram no espaço do CEM e contribuir para o aprofundamento dos estudos que visam compreender estas novas

possibilidades de estar no mundo pelos jovens por suas lógicas de reconhecimento frente à tecnologia e à educação como um todo.

Metodologia no campo

A pesquisa de campo foi realizada no CEM com jovens de 16 a 24 anos. Nesse universo, mediante observação, informações e entrevistas, nos propomos a compreender a realidade empírica e cotidiana dos grupamentos juvenis que se assumem como tribos. Para a identificação da “tribo” consideramos as características sociais (idade, gênero, situação econômica, étnica e uso das TIC).

A escolha da abordagem do estudo foi a qualitativa, que se fez pela necessidade de obtenção de dados descritivos dos grupamentos juvenis, a partir do seu ambiente e do processo de construção das relações com as TIC. O contato direto com o grupo estudado proporcionou um entendimento além do produto, mas com a preocupação de analisar como se processam as interações cotidianas dos mesmos com as TIC, buscando retratar as “perspectivas” dos seus membros, considerando seus diferentes pontos de vista.

Nesse percurso, dar voz aos sujeitos nos possibilitou a compreensão sobre as possibilidades dessas tribos estarem imersas em um mundo mediado pelos dispositivos tecnológicos comunicacionais, que vem possibilitando-lhes apropriações múltiplas. Para tanto, optamos pela entrevista semi-estruturada. Permitindo ao entrevistado falar livremente sobre assuntos indicados ou que vão surgindo. A investigação também foi enriquecida com o levantamento bibliográfico de teóricos que discutem a relação tribos urbanas e TIC que serviu de suporte para a observação em relação ao objeto estudado, centrando o nosso olhar nos aspectos relevantes, que inclusive nos ajudaram a descobrir aspectos novos. Nessa observação direta, nosso olhar esteve atento aos membros da tribo e às situações que os envolvem nas atividades culturais e sociais (linguagem, estética, estilo de vida, vocabulário, simbolismos etc.) e tecnológicas.

O texto e suas lógicas paradoxais

Procuramos na construção da investigação instaurar uma estratégia dialógico-textual que não desrespeitasse o conjunto normativo acadêmico para a produção acadêmica específica, mas que possibilitasse aos leitores-sujeitos sócio-educativos das unidades

escolares uma leitura e imersão naquilo que propusemos. Dessa maneira, assumimos uma postura didático-relacional.

Nesse esforço, ampliamos e esclarecemos as inquietações das questões norteadoras desta investigação, na medida em que, com Tapscott (1998), compreendemos a “Geração Net” como um conjunto de crianças, adolescentes e jovens que estão em contato permanente com as TIC, considerando-se proprietários delas. Somando-se a compreensão desse autor com a de outros aqui trabalhados, chegamos a um perfil provisório dessa geração, marcada pela mutabilidade constante: uma geração de jovens tecnófilos, atraídos pelas tecnologias e pelo desejo de conhecê-las e empregá-las. Essa condição a torna vulnerável a todos os tipos de consumo e à descartabilidade de objetos, relacionamentos e sentimentos.

Os jovens urbanos são marcados por traços visuais, auditivos e sinestésicos. No intercâmbio com as TIC e suas aplicações, agem como se estivessem manuseando os mesmos programas e *softwares* na vida cotidiana. Não existe, para eles, diferenciação entre os domínios do digital e da realidade concreta. Percebemos um encantamento pelas tecnologias. As tecnologias digitais estão, cada vez mais, oferecendo um padrão comportamental aos jovens, pela intromissão de produtos culturais e de consumo e pelas ofertas de comercialização. Há uma relação visceral entre elas e a existência. Para esses jovens, conhecimento implica o uso das TIC. Isso reforça a relação de dependência entre eles. As tribos urbanas dos espaços escolares são um exemplo dessa relação, uma vez que se apropriam de elementos estéticos, linguagem, estilo de vida e formas de apreender o mundo a partir das TIC. A cultura juvenil trafega em meandros digitais, que possibilitam a formação de valores e de saberes expressos na linguagem, nas sociabilidades e na estética.

O uso das tecnologias não é apenas um espaço de sociabilidades, mas, também, uma possibilidade de potencializar a economia pessoal. Os jovens das classes médias altas imergem nas tecnologias para fazer parte do mundo tecnologizado; nossos entrevistados objetivam o mesmo, mas enxergam, além disso, a possibilidade de ganho financeiro por meio do uso das tecnologias. Isso nos leva a perceber que não existe uma relação de causa e efeito entre o nível socioeconômico dos jovens e o interesse pelas tecnologias: a influência de consumo midiático não se concentra em determinadas classes ou grupamentos. Entretanto, a funcionalidade do uso das TIC é diferente entre os dois grupos: o primeiro

busca, predominantemente, a imersão no mundo tecnológico para expandir suas relações sociais; o segundo percebe nela, em primeiro plano, uma chance de transformar suas condições materiais de existência.

No mundo contemporâneo, identificar a tribo urbana a que pertence um jovem não se constitui dificuldade. Várias marcas no corpo, nos gestos, no vocabulário, nas preferências revelam pertencimento. Se, anteriormente, a lealdade e a identificação dos membros das tribos se davam pela religião, região e/ou bandeira política que carregavam, hoje, essa lealdade e identificação estão canalizadas para o consumo de bens simbólicos ofertados pelo mundo tecnológico.

Se relacionarmos a lógica de ser jovem ao crescimento da cidade de Palmas, percebemos que ambos carregam em seus “corpos” traços da contemporaneidade: símbolos, emblemas, insígnias de um fazer midiático. Tanto a cidade quanto seus jovens têm uma formação a partir da grande oferta de bens simbólicos e culturais que se manifestam pelas TIC. Podemos afirmar, então, que Palmas é uma grande tribo mediada por essas tecnologias. Dentre os aparatos tecnológicos consumidos pela juventude palmense, o aparelho celular se destaca. Os jovens revelam uma relação de dependência com o celular. Além de meio de comunicação, esse artefato é fator imprescindível de atualização para o consumo e para as relações sociais. Ao aparelho é dada, ainda, uma conotação de instrumento de localização e vigilância social, ampliando sua funcionalidade, na medida em que, ao fazer o contato com as pessoas, localiza-as no espaço geográfico. A portabilidade e a interatividade desse aparelho são elementos importantes para esses jovens: imprimem neles a sensação de estar sempre conectados com as pessoas e com o mundo. O celular é outro membro de seu usuário: associado aos braços, pernas, coração e mente, ajuda a compor seu corpo. O uso do celular faz com que os jovens vivenciem a sensação de estar constantemente *on-line*, o que permite os diversos deslocamentos virtuais pelos “lugares-no-tempo” dessas juventudes plugadas.

O uso da internet é duplamente restrito: por razões econômicas e pela censura moral da escola, que não permite o acesso a essa plataforma para pesquisas não orientadas pelos professores. Mas os jovens revelam o desejo de intensificar o uso dessa ferramenta para construir novas redes humanas, novos espaços de troca de conhecimento e novos afetos. As tecnologias induzem os jovens a uma convivência em tribos: só entre eles é possível

assegurar o contato necessário à comunicação do que percebem no mundo com a mediação das tecnologias da informação e comunicação.

Os jovens de Palmas, originários das mais diversas regiões do Estado e do País, são exemplos desse fato. Possuem culturas e repertórios diversificados, mas se agrupam em tribos porque fazem parte de uma mesma geração: a geração das tecnologias contemporâneas. Os gestores da escola, no entanto, apresentam dificuldade e resistência em compreender e aceitar que as tecnologias contemporâneas e suas potencialidades são fatos e que a juventude não se percebe no mundo sem a mediação delas. Os jovens delimitam seu espaço por meio das marcas midiáticas que exibem em seus corpos e, ao mesmo tempo, restringem os espaços das pessoas pertencentes à outra geração.

Na trajetória da investigação percebemos que aos jovens é oferecida uma gama de produtos culturais para consumo rápido e descartável. Porque as TIC são artefatos, dispositivos, mecanismos que ora armazenam ora difundem dados e informações, portam estratégias políticas, econômicas e ideológicas de quem as produzem e, ao serem transportadas e consumidas pela juventude, passam a ter outras possibilidades de usos e manejos, de produção de sentidos e significados. Existe um medo da cultura escolar dos novos conteúdos que as TIC trazem para os espaços e tempos tradicionais da educação: isso derruba a idéia do professor depósito de saber e irrompe com outros modelos de cooperação, colaboração e trocas simbólicas e materiais.

As tribos urbanas que trafegam no espaço escolar se tornam ameaças ao modelo pedagógico estabelecido e às identidades clássicas, conservadoras de professor e aluno. Lidar com os avanços culturais das juventudes provocados pelas tecnologias no CEM ainda é um desafio. As potencialidades educativas das TIC fazem parte de um processo em construção. Para isso, é importante que os atores sócio-educativos conheçam e compreendam não apenas o significado que as tecnologias têm na vida dos jovens, como também de um novo pensar pedagógico que elas proporcionam.

E finalmente os por quês do próprio distanciamento desse universo para com as TIC. O exercício da escuta nos evidenciou que processos pedagógicos deveriam, em função da emergência tecnológica, se modificar. São outras formas de aprender que estão sendo estabelecidas. Modelizações mais atraentes que as tecnologias estão convidando a realizar.

Percebemos, durante as intervenções, que esses jovens não querem ser ensinados, mas sim conduzidos à construção, às descobertas.

Na avaliação dos entrevistados, a escola não vem aproveitando bem o contexto tecnológico para ampliar ou desenvolver novas habilidades críticas. A estrutura física deve estar em sintonia com os contextos tecnológico e sociocultural dos coletivos no universo escolar. Acreditamos que espaço, tempo, sujeitos-docentes e sujeitos-alunos necessitam de uma pedagogia audiovisual que congregue as TIC em sua constituição teórica e metodológica. A pesquisa aponta que é preciso promover o deslocamento de aprendizagem, de readequação de olhares e práticas pedagógicas voltados para as juventudes, procurando nos distanciar daquelas perspectivas trazidas por filmes “hollywoodianos” em que tribos são concebidas como gangues e meio a elas sempre existe um professor “bonzinho” e abnegado para ensinar boas maneiras, dança, violino ou qualquer outra coisa para domesticá-las e adequem-na ao mundo linear dos adultos. O desafio para a pedagogia e a educação como um todo é aprender a valorizar, a entrar nesses espaços de participação e colaboração que as juventudes vêm estabelecendo.

Na vertente da educação de adultos, alguns defendem a andragogia. Todavia, para com as juventudes permanece um espaço a ser construído. Com as TIC devemos aprender a construir uma “juventogogia” ou “juventogogias”. Não temos a preocupação em criar nomenclaturas, e sim, sinalizar para essas novas realidades. Os corpos das juventudes são híbridos e as mentes diáfanas. Ela é líquida e fluída e por isso mesmo nos é extremamente fascinante. Gostaríamos de inverter partes da letra de uma canção de Lupcínio Rodrigues, com todo respeito. Os versos originalmente dizem: “[...] esses moços, pobres moços, ah, se soubessem o que eu sei.”, em nossa licença poética invertemos para: “esses moços, ricos moços, ah, se eu soubesse o que eles sabem.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATTIAS-DONFUT, Claudine. **Jeunesse et conjugaison des temps**. Sociologie et sociétés. Vol. XXVIII, número 1, 1996.
- BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BONILLA, Maria Helena. **Escola Aprendiz**. São Paulo: Quartet, 2005.

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1997.
- CHAMBOREDON, J C. **Adolescence et post-adolescence: la 'juvénisation.** In: ALEON, MORVAN, LEBOVICI. *Adolescence terminée, Adolescence interminable.* Paris: PUF, 1985.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Márcia Regina da. **Tribos urbanas nas identidades das metrópoles.** In: ECCOS Revista científica, São Paulo: UNINOVE, n.1, v.3: 41-55, 2001.
- COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura.** In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLER, Silvana (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4 edição. São Paulo: Vozes, 2008.
- DUBET, F. **Des jeunesses et des sociologies. Le cas français.** *Sociologie et sociétés.* Vol. XXVIII, número 1, 1996.
- GORCZEVSKI, D. **O hip-hop e a (in)visibilidade no cenário midiático.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, ED., 1997.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e a distância.** 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX.** *Neurose (vol I).* Rio de Janeiro: Forense Univ., 1984.
- PRETTO, N. L. **Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras.** *Revista Brasileira de Educação,* São Paulo, n. 11, p. 75-85, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- TAPSCOTT, Don. **Geração Digital.** São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.